

MAPEAMENTO DA ARTICULAÇÃO DE INICIATIVAS DE INOVAÇÃO SOCIAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR): PRIMEIROS PASSOS PARA UM ECOSISTEMA *MULTICAMPI*

Patricia Villar Martins, Daniel Braatz, Márcio Rogério Silva, Natália Bachiega Magalhães Moura

Resumo

Este relato apresenta a experiência conduzida pela Agência de Inovação da Universidade Federal de São Carlos (AIn.UFSCar) na identificação e articulação de iniciativas de inovação social desenvolvidas nos quatro *campi* da instituição. A proposta surgiu no contexto da ampliação do escopo institucional da AIn, tradicionalmente voltada à proteção da propriedade intelectual, e foi motivada por recomendações de órgãos de controle Controladoria-Geral da União (CGU) e Tribunal de Contas da União (TCU) para que as Instituições Científicas e Tecnológicas (ICTs) incorporem dimensões sociais às suas políticas de inovação. O principal objetivo foi reconhecer, sistematizar e potencializar práticas com impacto social direto, muitas vezes invisibilizadas pelas lógicas tradicionais de fomento. A abordagem adotada foi participativa, com aplicação de formulário digital amplamente divulgado e critérios inclusivos de identificação. O levantamento registrou 45 iniciativas, com atuação em áreas como tecnologias sociais e assistivas, saúde coletiva, educação popular, sustentabilidade e políticas públicas. Os resultados, apresentados em gráficos e figuras, evidenciam a diversidade territorial, de gênero e de vínculos institucionais envolvidos nas ações mapeadas, bem como a presença significativa de parcerias comunitárias. Como desdobramentos, foram realizados o evento AInConecta: Inovação Social, a formação de Grupos de Trabalho (GTs) temáticos e o início da construção de um ecossistema institucional e *multicampi* de inovação social. Conclui-se que a institucionalização dessas práticas requer políticas específicas, fomento significativo compatível com o que acontece na inovação tecnológica, estrutura de governança participativa e reconhecimento da inovação social como eixo estratégico na missão das universidades públicas.

Palavras-chave

inovação social; mapeamento participativo; ecossistema multicampi; levantamento de iniciativas; impacto social.

Abstract

This paper reports on the experience conducted by the Innovation Agency of the Federal University of São Carlos (AIn-UFSCar) in identifying and articulating social innovation initiatives developed across the institution's four campuses. The proposal emerged in the context of expanding the institutional scope of the AIn, traditionally focused on intellectual property protection, and was motivated by recommendations from oversight bodies – the Office of the Comptroller General (CGU) and the Federal Court of Accounts (TCU) – urging Scientific and Technological Institutions (STIs) to incorporate social dimensions into their innovation policies. The main objective was to recognize, systematize, and strengthen practices with direct social impact that are often rendered invisible by traditional funding logics. A participatory approach was adopted, involving the application of a widely disseminated digital survey and inclusive identification criteria. The mapping identified 45 initiatives operating in areas such as social and assistive technologies, collective health, popular education, sustainability, and public policies. The results, presented through charts and figures, highlight the territorial, gender, and institutional diversity of the mapped actions, as well as the significant presence of community partnerships. As outcomes of this process, the AInConecta: Social Innovation event was held, thematic Working Groups were established, and the initial steps toward building an institutional, multicampus social innovation ecosystem were undertaken. The study concludes that the institutionalization of these practices requires specific policies, substantial funding comparable to that allocated to technological innovation, participatory governance structures, and the recognition of social innovation as a strategic axis in the mission of public universities.

Keywords

social innovation; participatory mapping; multicampus ecosystem; initiative mapping; social impact.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o papel das universidades públicas no enfrentamento dos desafios sociais tem se ampliado, com destaque crescente para iniciativas de impacto territorial, sustentável, equitativo e diverso. No entanto, os mecanismos institucionais ainda se encontram, em grande parte, orientados por modelos de inovação centrados na transferência de tecnologia para o setor produtivo. Como apontam Mulgan (2006) e Nicholls, Simon e Gabriel (2015), a inovação social surge justamente como resposta aos limites dos modelos tradicionais de inovação tecnológica ao propor abordagens mais inclusivas, orientadas por valores sociais e colaborativos. Nesse cenário, surge a necessidade de repensar a inovação a partir de uma perspectiva mais ampla e inclusiva, capaz de articular saberes diversos e promover transformações efetivas na sociedade.

A Agência de Inovação da Universidade Federal de São Carlos (AIn.UFSCar), tradicionalmente voltada à proteção da propriedade intelectual e à promoção da inovação tecnológica, iniciou durante a gestão institucional 2021-2024 um movimento estratégico para incorporar a inovação social como campo legítimo e prioritário de atuação. Essa mudança foi motivada tanto por provocações externas – como os relatórios da Controladoria Geral da União (CGU) e o Acórdão do Tribunal de Contas da União (TCU) nº 2.731/2019 – quanto por demandas internas, expressas pela comunidade acadêmica e pela política institucional de valorização da diversidade, inclusão e responsabilidade social. Segundo o Acórdão TCU nº 2731/2019, “a atuação dos Núcleos de Inovação Tecnológica deve ser ampliada para além da proteção da propriedade intelectual, considerando os desafios sociais e territoriais das ICTs [Instituições de Ciência e Tecnologia]” (Tribunal de Contas da União, 2019).

A partir dessa motivação, teve início um processo participativo de mapeamento de iniciativas de inovação social nos quatro *campi* da UFSCar, tendo como base metodológica fundamentos da gestão social, conforme proposto por Tenório (1998), centrada na participação, transparência e corresponsabilidade como elementos constitutivos da ação pública transformadora. Essa ação buscou reconhecer, articular e potencializar práticas já existentes, muitas delas desenvolvidas por docentes, técnicos e estudantes, com forte inserção comunitária e impacto social direto.

O relato a seguir apresenta os primeiros passos dessa jornada, que culminou na realização do evento AInConecta – Edição Especial sobre Inovação Social, na criação de Grupos de Trabalho (GTs) temáticos e no delineamento de uma agenda institucional de criação do ecossistema *multicampi* de inovação social na universidade. Esse evento buscou dar uma forte sinalização de horizontalidade no processo de inovação social em que universidade e comunidade constroem juntos, com mesas de exposição entre ambos ou mesmo apenas das comunidades onde a universidade é público e aprende; é uma mudança radical do fazer “para” no sentido do fazer “com”, em uma efetiva troca de saberes na prática.

Dessa maneira, este artigo contribui para o campo da inovação social e da gestão social em universidades públicas ao apresentar e analisar uma experiência de mapeamento participativo e articulação institucional de iniciativas de inovação social em uma universidade *multicampi*. A contribuição do estudo se dá em três dimensões. No plano metodológico, propõe um modelo de mapeamento baseado na autoidentificação e nos princípios da gestão social, integrando diagnóstico e ação institucional. No plano empírico, evidencia a existência de um conjunto diverso, territorializado e majoritariamente invisibilizado de práticas de inovação social, revelando tanto seu potencial transformador quanto as lacunas de fomento e reconhecimento institucional. Por fim, no plano analítico, o artigo avança ao discutir a construção de um ecossistema institucional *multicampi* de inovação social, apontando implicações para a governança universitária, para a atuação dos Núcleos de Inovação Tecnológica e para a formulação de políticas públicas voltadas à inovação com impacto social.

CONTEXTO E FUNDAMENTAÇÃO

A inovação social tem ganhado centralidade nas discussões sobre o papel transformador das instituições públicas, especialmente no campo da educação superior. Entendida como um campo de estudo e prática voltado à criação de alternativas criativas e sustentáveis para problemas sociais, a inovação social prioriza o bem-estar coletivo, a inclusão de comunidades vulneráveis e o fortalecimento da cidadania. Como afirmam Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010, p. 3), “as inovações sociais são importantes não só porque têm impacto direto, mas porque criam capacidades e relacionamentos que perduram no tempo”. Mais do que desenvolver produtos ou serviços inéditos, trata-se de transformar realidades a partir de soluções construídas com e para os sujeitos envolvidos. Essa visão ressalta que a inovação social não se limita à criação de soluções pontuais, mas envolve a construção de redes colaborativas e processos sustentáveis que fortalecem a resiliência das comunidades.

Segundo o documento final da Conferência Livre de Tecnologia Social, Economia Solidária e Tecnologia Assistiva (2024), os princípios da inovação social incluem: finalidade social como prioridade; protagonismo popular; autogestão; respeito à natureza; enfrentamento das desigualdades; acesso universal à tecnologia; adequação ao contexto local; e fortalecimento da democracia e do espaço público. Tais diretrizes evidenciam o caráter político e ético da inovação social, que se diferencia dos modelos de inovação voltados exclusivamente ao mercado e à competitividade.

No campo institucional, essa abordagem é reforçada por recomendações de órgãos de controle e avaliação. O Acórdão TCU nº 2.731/2019 – Plenário e o Relatório de Avaliação da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (Controladoria-Geral da União, 2020) apontam a necessidade de reorientação das políticas de inovação nas universidades públicas, incorporando soluções voltadas à inclusão social, sustentabilidade e enfrentamento das desigualdades territoriais. Essas diretrizes questionam o foco exclusivo em patentes e transferência de tecnologia e propõem o reconhecimento de outras formas de inovação – como as tecnologias sociais, a economia solidária e as práticas colaborativas de base comunitária. Além das recomendações dos órgãos de controle, o reconhecimento da inovação social como um eixo estratégico de atuação das ICTs tem ganhado espaço nas agendas federais de políticas públicas. A Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável (PNCTI/2023), articulada à 5ª Conferência Nacional de CT&I, destaca a importância de alinhar a produção de conhecimento às necessidades dos territórios, promovendo soluções socialmente relevantes e ambientalmente sustentáveis. Da mesma forma, o Plano Plurianual (PPA) do governo federal (2024-2027) incorpora a inovação social como componente fundamental para o enfrentamento das desigualdades estruturais e para o fortalecimento da democracia. Tais diretrizes reforçam a necessidade de que universidades públicas adotem modelos mais amplos e inclusivos de inovação, capazes de articular ciência, tecnologia e justiça social a partir de uma atuação integrada com os diversos atores sociais e comunitários.

Diante da riqueza e diversidade de ações desenvolvidas nos diferentes *campi* da UFSCar, a AIIniciou um movimento para mapear e articular iniciativas com potencial de

inovação social. A partir dessa constatação, ganhou força a proposta de construção de um ecossistema institucional *multicampi* de inovação social, capaz de reconhecer, integrar e fortalecer práticas voltadas ao enfrentamento de desafios sociais, à promoção da inclusão e ao desenvolvimento territorial. Além disso, a iniciativa busca favorecer a conexão entre grupos, promover trocas de conhecimento e ampliar a integração entre saberes e territórios.

Como parte desse esforço, a AIn e a própria Gestão Superior enveredaram um esforço para conhecer presencialmente experiências como: a Inyaga, uma incubadora social dentro do Parque Tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro; participação na 1ª Conferência Internacional de Sustentabilidade, Inovação e Sociedade na Universidade do Vale do Itajaí (Univali) em Itajaí (SC) e na Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em Dourados (MS); bem como as experiências do projeto Ânimo em comunidades indígenas, quilombolas e assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul.

Ao adotar essa perspectiva ampliada e inspirada, a UFSCar reafirma seu compromisso com a inovação social como uma dimensão estratégica da universidade pública, articulando conhecimentos acadêmicos e populares na busca por soluções colaborativas, sustentáveis e socialmente relevantes. A UFSCar, composta por quatro *campi* com diferentes perfis sociais, culturais e territoriais, oferece um cenário fértil para a articulação de ações descentralizadas, integradas e adaptadas às realidades locais.

A construção do ecossistema institucional de inovação social baseia-se na articulação de atores diversos em rede, conforme destacam Westley, Zimmerman e Patton (2007), integrando capacidades distribuídas e fomentando ambientes favoráveis à experimentação social. Dessa maneira, a ideia de um “ecossistema *multicampi*” de inovação social parte da compreensão de que a construção de soluções sociais precisam considerar os diversos territórios em que a universidade está inserida, valorizando os saberes locais e promovendo redes colaborativas entre unidades acadêmicas, setores administrativos e comunidades externas. A experiência da UFSCar alinha-se à perspectiva de Andion (2012, p. 177), para quem: “as redes de ação pública articulam múltiplos saberes e ampliam a capacidade de governança democrática, especialmente em processos de inovação social”. Essa abordagem é fundamental para entender a construção do ecossistema *multicampi* na universidade, que valoriza a diversidade de saberes e a participação ativa de todos os *campi*. Como destacam Laville e Gaiger (2009), a inovação social emerge justamente dessas práticas em rede, baseadas na escuta ativa e no diálogo com os territórios.

Ao integrar os fundamentos da gestão social – marcada pelo diálogo, participação, transparência e corresponsabilidade – ao conceito de inovação social, a UFSCar dá um passo importante na construção de uma nova lógica institucional: uma universidade comprometida não apenas com a produção de conhecimento, mas com a transformação social em seus territórios de atuação.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A partir de 2024, a AIn iniciou um processo institucional de mapeamento das iniciativas de inovação social desenvolvidas nos quatro *campi* da universidade localizados no estado de São Paulo: nas cidades de São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino. A proposta surgiu como resposta à ampliação do escopo de atuação da AIn, aliando-se às diretrizes da gestão 2021-2024 e às recomendações de órgãos como CGU e TCU para fortalecimento da dimensão social da inovação no âmbito das ICTs.

O mapeamento teve caráter exploratório, participativo e inclusivo, sendo estruturado por meio de um formulário on-line amplamente divulgado à comunidade universitária. Com critérios abertos e foco na valorização da diversidade de práticas, todas as iniciativas que se identificaram como voltadas à inovação social foram consideradas.

Essa metodologia dialoga com o que Laville e Gaiger (2009) denominam de práticas de “inovação social em rede”, que se constroem a partir da escuta ativa, da diversidade e da abertura ao território. Para realizar o mapeamento das iniciativas de inovação social na UFSCar, a AIn desenvolveu um formulário on-line no Google Forms, com foco na coleta de informações qualitativas e quantitativas sobre grupos de pesquisa, extensão, outros movimentos organizados por professores e estudantes junto a sociedade civil, bem como a ação institucional com atuação na área.

O formulário foi elaborado com uma abordagem aberta e acolhedora, permitindo a autoidentificação das práticas como inovadoras do ponto de vista social. Entre os campos solicitados, destacam-se: identificação do participante (nome e *e-mail* institucional); vínculo acadêmico (centro e unidade); nome do grupo; descrição da atuação; áreas temáticas de foco; e tipos de atividades já realizadas. Também foram solicitadas informações sobre possíveis inovações promovidas, parcerias externas (com organizações, comunidades ou movimentos sociais), presença digital (*site* ou redes sociais) e sugestões para a programação de um evento institucional sobre inovação social. Ao final, o formulário incluía um campo aberto para contribuições adicionais, reforçando o caráter participativo do processo. Essa construção permitiu não apenas o mapeamento, mas também o engajamento ativo da comunidade acadêmica na definição de diretrizes e prioridades para o fortalecimento de um ecossistema de inovação social na universidade.

Entre setembro e novembro de 2024, foram registradas 45 respostas, abrangendo iniciativas em áreas como tecnologia social, economia solidária, saúde coletiva, tecnologias assistivas, educação popular, meio ambiente e saberes tradicionais. Os grupos respondentes envolviam docentes, técnicos, estudantes e parceiros externos, o que evidenciou a natureza transversal e interdepartamental da inovação social na UFSCar.

Como desdobramento do diagnóstico inicial, foi realizado, em janeiro de 2025, o evento AInConecta: Inovação Social, sediado no *campus* Lagoa do Sino. Apesar de ser o mais recente entre os quatro *campi*, ele tem sido reconhecido pelo seu histórico no engajamento territorial e por práticas sustentáveis. A doação de uma fazenda por Raduan Nassar, orientada pelo propósito de instituir uma universidade no território reconhecido como o de

menor índice de desenvolvimento do estado de São Paulo – o Sudoeste Paulista –, constitui um marco para a promoção do desenvolvimento regional. Essa iniciativa busca gerar impactos estruturantes ao favorecer a agricultura familiar, os assentamentos rurais, as comunidades indígenas e quilombolas, além de contribuir para o enfrentamento dos desafios socioeconômicos que incidem sobre a população urbana desses territórios. O evento contou com mesas-redondas, oficinas e rodas de conversa com convidados de destaque nacional, como representantes do Banco Palmas, do Observatório de Inovação Social de Florianópolis, do Ecossistema de Inovação Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e de coletivos indígenas e quilombolas. A programação buscou fomentar o intercâmbio de saberes e fortalecer o reconhecimento das iniciativas mapeadas.

Durante o AInConecta, foram criados quatro GTs com a missão de avançar na consolidação de um ecossistema institucional de inovação social. Os GTs se organizaram em torno dos seguintes eixos:

- a) início, continuidade, fomento e expansão das iniciativas;
- b) indicadores e avaliação de impacto;
- c) comunicação, visibilidade e reconhecimento;
- d) ecossistema *multicampi* e institucionalização.

Os GTs foram pensados como espaços de construção colaborativa para a consolidação de um ecossistema de inovação social na UFSCar, com atuação transversal e *multicampi*.

A construção de ecossistemas de inovação social demanda processos colaborativos e a articulação entre diferentes atores institucionais, comunitários e territoriais. Segundo Andion e Gonçalves (2020), esse processo exige não apenas a identificação de práticas sociais inovadoras, mas também o fortalecimento de capacidades institucionais que permitam sua sustentação e enraizamento nos contextos em que atuam, respeitando saberes diversos e promovendo formas democráticas de governança.

Dessa forma, os GTs cumprem um papel estratégico ao estimular o diálogo entre práticas existentes, favorecer a escuta ativa dos territórios e apoiar a institucionalização de mecanismos de inovação social no ambiente universitário. Além disso, a experiência envolveu a articulação com diferentes setores da universidade, como a Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) e a Pró-Reitoria de Pesquisa (ProPq), e com coletivos vinculados a núcleos de estudos, laboratórios e projetos de extensão, bem como outros movimentos espontâneos entre universidade e sociedade, como Engenheiros Sem Fronteiras. Essa mobilização permitiu a formação de uma rede interna de colaboração e aprendizagem, fundamental para a sustentabilidade do processo.

A partir desse processo de construção coletiva, tornou-se viável elaborar uma publicação eletrônica institucional destinada a sistematizar o histórico da UFSCar no campo da inovação social, os resultados do mapeamento realizado, a descrição da primeira edição do AInConecta: Inovação Social e a caracterização dos grupos que responderam ao levantamento.

PRINCIPAIS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS ADOTADAS

A construção de um ecossistema institucional de inovação social na UFSCar, especialmente com uma abordagem *multicampi*, tem enfrentado uma série de desafios estruturais, culturais e organizacionais que demandam estratégias específicas de enfrentamento e superação.

Um dos principais desafios esteve relacionado à mobilização da comunidade universitária, em especial nos *campi* fora da sede (Sorocaba, Araras e Lagoa do Sino). A distância geográfica e a diversidade de perfis e estruturas entre os *campi* dificultam, historicamente, a fluidez de processos institucionais integrados. Para contornar esse obstáculo, a AIn adotou uma abordagem descentralizada e dialogada, promovendo reuniões virtuais, estabelecendo articulações com lideranças locais e incorporando vozes dos diferentes territórios nos processos decisórios.

Outro desafio importante foi o sentido polissêmico para o reconhecimento de uma iniciativa como “inovação social”. Diante disso, optou-se por uma postura aberta e inclusiva no mapeamento, acolhendo todas as ações que se identificassem com os princípios da inovação social e indicando, desde o início, que o processo de definição conceitual seria coletivo e progressivo. Essa estratégia favoreceu o engajamento de grupos diversos e evitou a exclusão de experiências significativas ainda em processo de amadurecimento institucional e colocando o próprio entendimento de inovação social como um processo construtivo e progressivo, buscando referências no tema mas, também, dando vazão ao que é possível trazer de contribuição para o conceito a partir das experiências da UFSCar e comunidade externa.

A comunicação interna também se apresentou como um desafio. A inovação social, por ser um conceito ainda em consolidação dentro do ambiente universitário, muitas vezes era interpretada de maneira restrita ou confundida com outras práticas. Para consolidar um entendimento comum, a AIn desenvolveu a publicação institucional, manteve o mapeamento permanentemente ativo e empenhou-se em integrar as distintas linguagens dos grupos à identidade institucional, reconhecendo e valorizando a diversidade de formas de atuação. Por fim, a valorização institucional da agenda da inovação social foi uma conquista progressiva. A presença de representantes da alta gestão universitária nos eventos, o apoio à criação dos GTs e a priorização do tema na agenda de 2025 indicam avanços importantes na consolidação da inovação social como eixo estratégico da UFSCar.

RESULTADOS E AVANÇOS

O processo de mapeamento e articulação promovido pela AIn.UFSCar resultou em uma série de avanços concretos e simbólicos, que contribuíram para o fortalecimento da inovação social como um campo estratégico na universidade. Tais resultados podem ser agrupados em três dimensões principais: diagnóstico, mobilização e construção institucional.

Na dimensão do diagnóstico, o levantamento realizado entre setembro e novembro de 2024 identificou 45 iniciativas de inovação social autoidentificadas distribuídas nos quatro

campi da universidade, levando-se em conta as que se inscreveram (é certo que existem muitas outras que devem ser registradas nos próximos levantamentos). As ações mapeadas abrangem uma ampla diversidade temática – tecnologias sociais, economia solidária, saúde coletiva, educação popular, sustentabilidade, empreendedorismo indígena, tecnologias assistivas, entre outras – e revelam o potencial transformador de práticas já em curso, muitas vezes invisibilizadas institucionalmente.

O mapeamento também permitiu traçar um retrato inicial das ações. Para facilitar a visualização e análise dos dados coletados, esta seção apresenta uma série de gráficos e figuras que ilustram aspectos centrais do levantamento, como: a identidade dos grupos participantes, a distribuição por gênero, participação por *campus* e vínculo institucional, as áreas temáticas de atuação, formas de realização das atividades e parcerias estabelecidas. Essas representações visuais não apenas sistematizam as informações, mas também revelam tendências, padrões e lacunas que orientam os próximos passos da construção do ecossistema *multi-campi* de inovação social. A análise a seguir foi organizada com base nas respostas do formulário aplicado e nas contribuições espontâneas dos participantes.

Antes da apresentação dos dados quantitativos, optou-se por uma visualização simbólica das iniciativas registradas no mapeamento. A nuvem de palavras na Figura 1 compila os nomes dos 45 grupos e ações participantes, destacando graficamente a diversidade de suas autodenominações. Essa visualização revela a pluralidade de identidades e campos de atuação, evidenciando a riqueza do universo de práticas de inovação social na UFSCar.

Figura 1 – Nuvem de palavras das iniciativas mapeadas

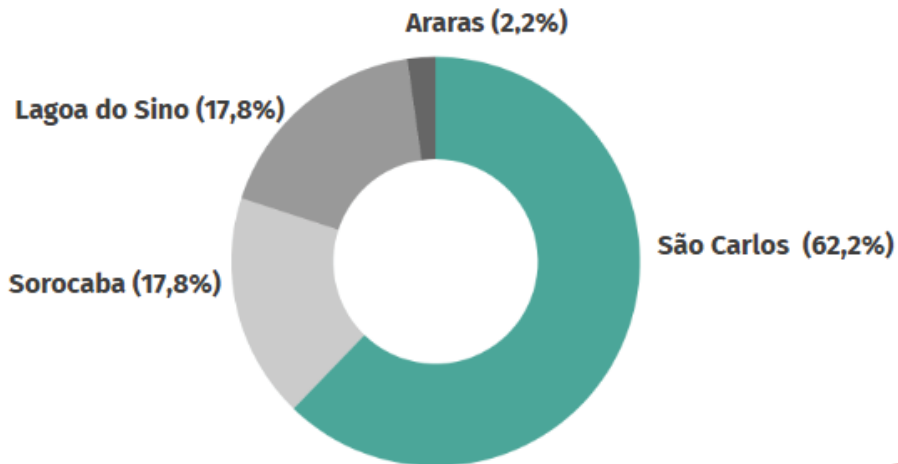


Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A nuvem de palavras evidencia a variedade de denominações, campos de atuação e enfoques conceituais adotados pelas iniciativas autoidentificadas como inovadoras do ponto de vista social.

A territorialização das ações é um dos aspectos centrais do ecossistema de inovação social em construção. O Gráfico 1 mostra a distribuição das iniciativas entre os quatro *campi* da UFSCar, São Carlos, Sorocaba, Lagoa do Sino e Araras.

Gráfico 1 – Distribuição por *campus* da UFSCar

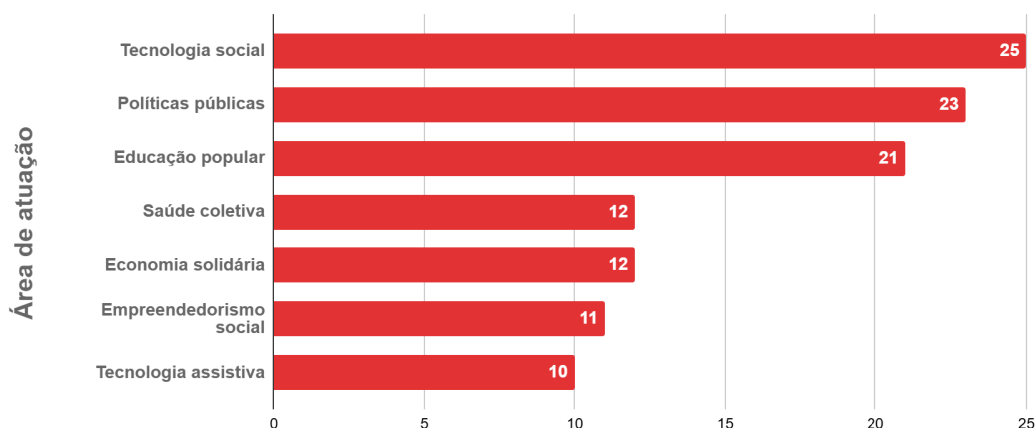


Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A distribuição geográfica das iniciativas demonstra a predominância do *campus* São Carlos (62,2%), seguido por Sorocaba e Lagoa do Sino, ambos com 17,8%, e Araras, com 2,2%. A predominância de São Carlos pode ser explicada pela maior quantidade proporcional de cursos de graduação e pós-graduação, estrutura e tempo de consolidação. Ainda assim, os dados revelam uma presença significativa de ações nos demais *campi*, o que fortalece a proposta de um ecossistema *multicampi*; chama-se a atenção, por outro lado, que com apenas cinco cursos de graduação e um curso de pós-graduação iniciado apenas em 2025, o *campus* Lagoa do Sino tenha quantidade significativa de ações. É da junção da experiência histórica consolidada com a inovação nos novos *campi* que é identificada uma grande força para o futuro.

As iniciativas participantes puderam selecionar uma ou mais áreas temáticas que representassem sua atuação. O Gráfico 2 a seguir apresenta a frequência dessas escolhas, permitindo identificar os campos com maior incidência. Destacam-se as áreas de tecnologias sociais, políticas públicas e educação popular.

Gráfico 2 – Áreas de atuação das iniciativas mapeadas

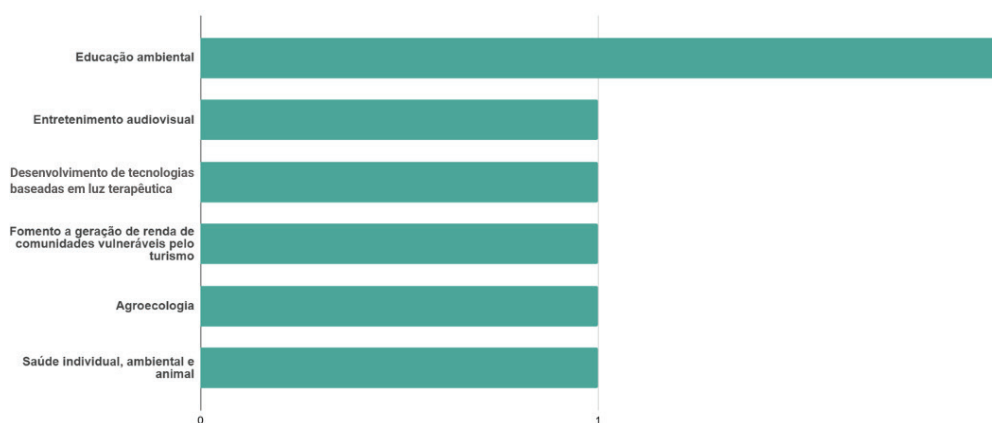


Fonte: elaborado pelos autores (2025).

As áreas temáticas mais citadas foram: tecnologias sociais (25 menções), políticas públicas (23), educação popular (21), saúde coletiva (12), economia solidária (12) e tecnologia assistiva (10). A possibilidade de seleção múltipla permitiu captar a natureza híbrida e intersetorial das ações, refletindo a complexidade e a amplitude dos desafios enfrentados.

Além das opções predefinidas no formulário, foi disponibilizado um campo aberto para que os participantes identificassem outras áreas de atuação. O Gráfico 3 reúne essas respostas espontâneas.

Gráfico 3 – Áreas de atuação identificadas como “Outros”

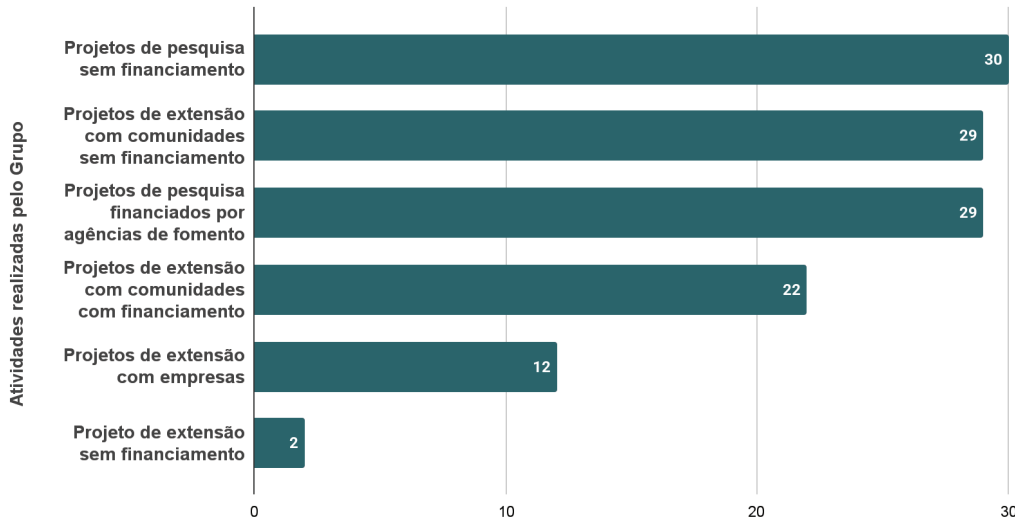


Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Entre as respostas abertas à pergunta sobre áreas de atuação, destacam-se temas como educação ambiental, turismo de base comunitária, cultura, saberes indígenas, práticas sustentáveis e tecnologias alternativas (como luz terapêutica). Esses registros reforçam a importância de manter canais abertos para o reconhecimento de campos não convencionais de inovação social, ampliando o olhar institucional sobre as práticas em curso.

Com o intuito de compreender os métodos utilizados pelas iniciativas em sua atuação cotidiana, o Gráfico 4 apresenta os formatos de desenvolvimento das ações (extensão, pesquisa, sem e com financiamento etc).

Gráfico 4 – Formas de realização das atividades

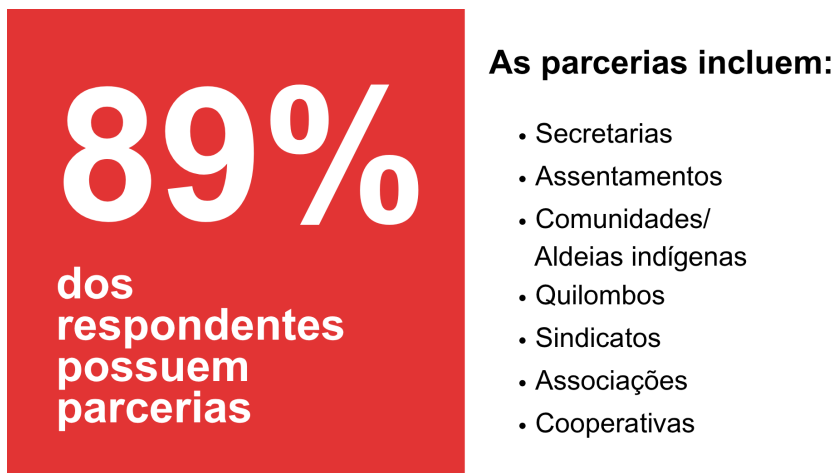


Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A análise das estratégias adotadas pelos grupos revela predominância de ações tanto de pesquisa quanto de extensão, sendo que a maioria não conta com financiamento. Isso demonstra a autonomia, autogestão e proatividade desses grupos, porém, por outro lado, revela a falta de investimento nas iniciativas sociais atreladas à universidade e evidenciando a necessidade de ações de financiamento para a manutenção e expansão das atividades relacionadas à inovação social, na busca por aumentar o impacto social e a perenidade dessas ações nas comunidades.

Nesse sentido, um ponto importante e ainda pouco presente nas iniciativas da UFSCar é um incentivo à perspectiva da incubação social, com foco no empreendedorismo social, inovação frugal e no universo de *startups* sociais – aceleradoras sociais e *hackathons* sociais, por exemplo –, buscando fomentar empreendimentos que gerem trabalho e renda e, ao mesmo tempo, soluções acessíveis a populações de baixa renda. No caso da inovação frugal, trata-se do desenvolvimento de produtos e serviços para consumidores de baixa à média renda, os quais estão em geral fora do interesse de empresas devido ao baixo poder aquisitivo (Simula; Hossain; Halme, 2015; Zeschky; Widenmayer; Gassmann, 2011).

A inovação social, por natureza, envolve articulações entre universidade e sociedade de maneira mais ampla, podendo abarcar iniciativas mais específicas como as mencionadas. A Figura 2 a seguir ilustra qualitativamente os tipos de parcerias estabelecidas pelas iniciativas mapeadas.

Figura 2 – Parcerias estabelecidas pelas iniciativas

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

As parcerias relatadas incluem uma variedade de atores sociais: prefeituras, comunidades indígenas, cooperativas, escolas, organizações da sociedade civil, movimentos populares e redes comunitárias. A presença dessas conexões evidencia que as ações de inovação social na UFSCar são, em sua maioria, **realizadas em articulação com agentes externos**, o que amplia seu alcance e potencial de impacto transformador.

No campo da mobilização, merece destaque o evento AInConecta: Inovação Social, realizado em janeiro de 2025 no *campus* Lagoa do Sino, que marcou o primeiro evento promovido diretamente pela AIn da UFSCar com foco exclusivo em inovação social. A escolha de Lagoa do Sino – *campus* historicamente comprometido com os pilares de desenvolvimento sustentável, soberania alimentar e agricultura familiar – reforçou a centralidade da territorialização. A abertura do evento ocorreu na oca indígena do *campus*, espaço de elevado simbolismo por resultar de um projeto de extensão no qual a aldeia Tekoa Nhanderu Porã, localizada em São Miguel Arcanjo (SP), recebeu apoio para a implantação de infraestrutura e para o fortalecimento do turismo comunitário. Em retribuição a essa parceria, o cacique e demais membros da comunidade colaboraram para a construção de uma oca destinada aos estudantes indígenas do *campus*. A iniciativa contou com o envolvimento articulado de docentes, estudantes indígenas e não indígenas, técnicos universitários, trabalhadores da fazenda experimental, representantes da gestão superior e movimentos sociais, com destaque para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Essa dinâmica, marcada por um processo dialógico e colaborativo, conferiu robustez à proposta de valorização dos saberes tradicionais e da diversidade cultural. Ademais, reforçou a dimensão simbólica que permeia a constituição do Ecossistema de Inovação Social da UFSCar, evidenciando que sua formação se ancora em práticas participativas e em interações interétnicas e interinstitucionais desde sua origem.

O evento reuniu representantes de grupos mapeados de três *campi* (São Carlos, Sorocaba e Lagoa do Sino), além de membros da comunidade local e convidados externos, consolidando

um espaço de escuta, reconhecimento e troca de experiências. Estiveram presentes também representantes de órgãos públicos, como a Secretaria de Abastecimento, Cooperativismo e Soberania Alimentar (Seab) do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), além de lideranças quilombolas, indígenas e especialistas da área. Essa ampla participação reforçou o papel do evento como ponto de partida para a construção de uma rede institucional e interterritorial de inovação social, conectando práticas já existentes e impulsionando novas articulações.

O evento AInConecta também foi o marco para a criação de quatro GTs, que passaram a operar como núcleos propositivos na estruturação do ecossistema institucional. Os GTs reúnem integrantes de diferentes *campi*, com diversidade de áreas e perfis, e vêm atuando em frentes como: conceituação e marcos normativos; definição de critérios e indicadores; estratégias de comunicação; e construção de propostas para financiamento e parcerias.

Na dimensão da construção institucional, a experiência permitiu avanços significativos:

- a) início da construção coletiva de um conceito institucional de inovação social, baseado em princípios como protagonismo comunitário, relevância territorial e impacto socioambiental;
- b) elaboração de um material disponibilizado como publicação eletrônica com sistematização do mapeamento e das experiências envolvidas, em fase final de revisão e diagramação;
- c) inserção da inovação social na agenda estratégica da AIn e da UFSCar, com previsão de nova edição do AInConecta e proposição de edital específico de fomento para 2025;
- d) ampliação da participação de docentes, técnicos e estudantes, em especial de grupos vinculados a coletivos periféricos, indígenas, quilombolas, núcleos de pesquisa e projetos de extensão;
- e) identificação de espaços potenciais que no futuro podem sediar as unidades de inovação social em cada *campi*.

Esses resultados evidenciam que o processo não apenas visibilizou práticas já existentes, mas também impulsionou novas articulações, reconhecimentos e possibilidades. Segundo França Filho e Laville (2004), a economia solidária e a inovação social são caminhos para construir uma universidade comprometida com a justiça social, por meio de práticas que integram ensino, pesquisa e extensão à realidade dos territórios. A inovação social, assim, deixa de ser uma agenda marginal para ocupar um lugar estratégico no campo da inovação universitária, com potencial para redefinir prioridades, estruturas e políticas internas.

Os resultados do mapeamento participativo evidenciam que a inovação social na UFSCar não constitui um campo incipiente, mas sim um conjunto expressivo de práticas já consolidadas, embora historicamente pouco reconhecidas pelas estruturas institucionais de inovação. Esse achado dialoga diretamente com a literatura de inovação social, que aponta a recorrente invisibilização de iniciativas orientadas ao bem comum em contextos dominados por lógicas de mercado e produtividade acadêmica (Mulgan, 2006; Nicholls; Simon;

Gabriel, 2015). No caso analisado, a diversidade temática, territorial e institucional das iniciativas mapeadas revela que a inovação social emerge de forma transversal, articulando ensino, pesquisa, extensão e ação comunitária, muitas vezes à margem dos instrumentos tradicionais de fomento e avaliação.

CONCLUSÃO

A experiência de mapeamento e articulação das iniciativas de inovação social na UFSCar evidenciou, desde seus primeiros passos, o potencial transformador da universidade pública quando assume o compromisso de reconhecer e fortalecer práticas de impacto social. Mais do que um exercício de identificação, o processo se constituiu como um espaço político-pedagógico de construção coletiva, no qual diferentes vozes, saberes e territórios puderam dialogar e se reconhecer como parte de um ecossistema emergente.

Um dos principais aprendizados diz respeito à força das redes internas já existentes, muitas vezes desarticuladas ou invisibilizadas pelas lógicas tradicionais de avaliação e fomento, onde os próprios estudantes, muitos deles oriundos de comunidades, são grande parte da potência transformadora tanto pelo pertencimento quanto pelos conhecimentos adquiridos na experiência universitária. Grupos de pesquisa, núcleos de extensão, coletivos estudantis e laboratórios diversos demonstraram, por meio de suas práticas, que a inovação social já é uma realidade na universidade – o que faltava era reconhecimento institucional, mecanismos de apoio e espaços de articulação. Um desafio é criar mecanismos para que esses estudantes – aqueles que têm esse objetivo – possam conseguir se dedicar (com geração de trabalho, renda e também voluntariado) à transformação social de suas comunidades, especialmente ao se formarem, tornando as próprias comunidades como *living labs* sociais (laboratórios vivos), como espaços de replicação universidade/comunidade, para além dos muros da universidade.

Outro ponto central foi a constatação de que a construção de um conceito institucional de inovação social não pode ser feita de forma impositiva ou tecnocrática. Ao adotar uma abordagem inclusiva e processual, a AIn.UFSCar fortaleceu a participação da comunidade acadêmica e reafirmou o princípio da autogestão como elemento fundante da inovação social. Esse movimento está alinhado ao que Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010, p. 3) destacam como essencial para a inovação social: “novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem simultaneamente às necessidades sociais e criam novas relações sociais ou colaborações”. Nesse sentido, a própria metodologia da experiência pode ser compreendida como um exercício de gestão social – centrado no diálogo, na escuta ativa e na corresponsabilidade.

A visualização das informações permitiu tornar mais clara a presença de iniciativas em todos os *campi* da universidade e a riqueza temática das ações – com destaque para tecnologias sociais, políticas públicas, saúde coletiva e educação popular. Esses achados apontam para a existência de uma rede pulsante de práticas muitas vezes invisibilizadas por modelos tradicionais de avaliação e fomento, onde especialmente estudantes e comunidade externa são potenciais agentes transformadores da realidade social atual e futura.

Os dados reforçaram também a importância das parcerias com comunidades, coletivos, associações e instituições públicas como eixo estruturante da inovação social. A análise evidenciou que essas iniciativas são, em sua maioria, realizadas de forma coletiva e colaborativa, com forte inserção territorial e compromisso com a transformação social.

Essa sistematização empírica contribui para reforçar que a inovação social não é apenas uma nova frente de atuação, mas uma lente que amplia a compreensão do papel da universidade na promoção da justiça social, da sustentabilidade e da inclusão. Como desdobramento, tornam-se urgentes ações institucionais que reconheçam essas práticas de forma estruturante, entre elas:

- a) a criação de editais de fomento específicos;
- b) a incorporação da inovação social nos planos estratégicos e orçamentários da universidade;
- c) o fortalecimento de redes *intercampi* e intersetoriais;
- d) articulação entre diferentes pró-reitorias reforçando ação conjunta nesta pauta;
- e) a consolidação de estruturas de governança participativa;
- f) desenvolvimento de indicadores de impacto social alinhados à realidade dos territórios;
- g) construção de Vitrines de Tecnologias Sociais (e outros produtos e serviços) com potencial de replicação e difusão, dentro e fora da universidade;
- h) criação de uma política ou programa de inovação social, inclusive dentro do contexto de incubação e aceleração social, contribuindo para a criação de empresas sociais filhas que contribuam de maneira perene para a transformação da realidade socioambiental.

Por fim, a experiência vivida na UFSCar pode servir como referência para outras instituições públicas de ensino superior, especialmente aquelas que atuam em contextos *multicampi* e que enfrentam desafios semelhantes de articulação territorial, diversidade institucional e construção coletiva. A sistematização dos aprendizados disponibilizados por meio de uma publicação eletrônica e a continuidade das ações em 2025 – com nova edição do AInConecta e lançamento de edital – indicam um compromisso em fortalecer essa agenda. Essa perspectiva transforma a universidade em um espaço de “produção democrática de bens e serviços públicos” (Andion, 2012, p. 176), permitindo que a ciência e a tecnologia respondam diretamente às demandas dos territórios em que a instituição está inserida.

Assim, o relato aqui apresentado não se encerra como uma experiência concluída, mas como um ponto de partida para um processo contínuo de fortalecimento da inovação social como parte estruturante da universidade pública brasileira.

REFERÊNCIAS

Andion, C. Redes de ação pública e inovação social: perspectivas para a governança democrática. *In*: Andion, C. (2012). **Inovação social e sustentabilidade: desafios para o desenvolvimento**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC. p. 175-190.

Andion, C., & Gonçalves, S. (2020). Inovação social e governança democrática: fortalecimento de capacidades institucionais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 54, n. 3, p. 123-145.

Conferência Livre de Tecnologia Social, Economia Solidária e Tecnologia Assistiva. (2024). **Documento final da Conferência Livre de Tecnologia Social, Economia Solidária e Tecnologia Assistiva com propostas para a V Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Brasília, DF.

Controladoria-Geral da União. (2020). **Avaliação da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação – PNCTI**. Brasília, DF: Controladoria-Geral da União.

França Filho, G. C., & Laville, J.-L. (2004). **A economia solidária: uma abordagem internacional**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Laville, J.-L., & Gaiger, L. I. (2009). Inovação social e economia solidária: utopia na prática. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 22, p. 105-121.

Mulgan, G. (2006). The process of social innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, Cambridge, MA, v. 1, n. 2, p. 145-162.

Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). **The open book of social innovation**. London: NESTA: The Young Foundation.

Nicholls, A., Simon, J., & Gabriel, M. (2015). **New frontiers in social innovation research**. London, UK: Palgrave Macmillan.

Plano Plurianual (PPA) 2024–2027. (2023). Brasília, DF: Presidência da República: Secretaria de Orçamento Federal.

Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável (PNCTI). (2023). Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

Simula, H., Hossain, M., & Halme, M. (2015). Frugal and reverse innovations – quo vadis?. **Current Science**, Bengaluru, IN, v. 109, n. 5, p. 1567-1572.

Tenório, F. G. (1998). Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 32, n. 5, p. 7-23.

Tribunal de Contas da União. (2019). Acórdão nº 2731/2019. Plenário: avaliação da atuação dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) e das políticas de inovação nas Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs). **Tribunal de Contas da União**, Brasília, DF.

Zeschky, M., Widenmayer, B., & Gassmann, O. (2011). Frugal innovation in emerging markets: the case of Mettler Toledo. **Research-Technology Management**, Abingdon, UK, v. 54, n. 4, p. 38-45.

Westley, F., Zimmerman, B., & Patton, M. Q. (2007). **Getting to maybe: how the world is changed**. Toronto, ON: Random House Canada.